



MUNA
SHEHADI

Verdades Escondidas

TOP
SEL
LER

Um segredo há muito enterrado poderá destruir-lhe
a família ou ajudá-la a abrir o coração.

Capítulo 1

4 de setembro de 1970 (sexta-feira)

Não tenho escrito com tanta frequência porque agora tenho o Daniel e não preciso de falar tanto contigo, meu querido diário. Sim, tenho andado a trair-te! Hoje, além de eu e o Daniel estarmos casados há exatamente seis meses abençoados e maravilhosos, também escrevo para assinalar a ocasião porque, eu, Jillian Croft, nascida Sylvia Moore, num fim de mundo chamado Jackman, no Maine, consegui um papel num filme do Steve McQueen! Até tenho uma deixa: «Será tudo, senhor?» Já a memorizei, como podes ver.

Tenho um agente e já estou a fazer tantas audições que começo a sentir que passo todo o meu tempo ou num avião ou em LA. O Daniel e eu adoramos Nova Iorque, mas é em LA que está a indústria cinematográfica e decidi que é aí que quero fazer a minha carreira, regressando mais tarde aos palcos quando for «Alguém a Ver». Por isso, vamos mudar-nos! O Daniel já anda à procura de emprego na área de ensino da Dramaturgia. Ele é tão conhecido e tem tanto sucesso que sei que alguém irá contratá-lo. Talvez a UCLA ou a CalArts. Eu acho que ele deveria abrir o seu próprio estúdio de representação, mas ele diz não estar preparado para isso.

Na próxima viagem à Califórnia, vamos à procura de casa em... Beverly Hills! Ainda nem consigo acreditar. O Daniel diz que é melhor comprarmos já uma casa grande, porque vamos receber muito dinheiro pelo apartamento dele em Nova Iorque e devemos aplicá-lo imediatamente no setor imobiliário, para evitar o pagamento de impostos. Ele é tão inteligente.

E eu estou tão, tão entusiasmada! Escrevi aos meus pais, dizendo-lhes que vou mudar-me e que, um dia, talvez vá visitá-los. Não responderam. Acho que não estava à espera de que o fizessem. Não respondem às minhas cartas desde que fugi. Dois anos e ainda não há perdão, com exceção do da minha irmã? Por vezes, a dor sufoca-me. Que tipo de mãe consegue riscar por completo um filho da sua vida, como se nunca tivesse existido?

Se eu tivesse um bebé, tenho a certeza de que eles gostariam de o ou a conhecer. Não sei como conseguirei vir a fazê-lo com este meu corpo deformado e estéril, mas juro por Deus, um dia, encontrarei uma maneira de o fazer. Preciso desesperadamente de uma hipótese de dar aos meus filhos o que a minha mãe nunca me deu.

Suponho que todos vivemos a nossa vida a tentar corrigir o que quer que seja que tenha corrido mal na nossa infância.

Com amor,

Eu

— Parabéns! — Eve deu eco às vozes em torno da mesa coberta por uma toalha azul levada para o chalé do pai e da madrastra por ocasião do 80.º aniversário dele. Ou, se se contasse com precisão, uma vez que Daniel Braddock nascera no dia 29 de fevereiro, o seu 80.º ano, mas apenas o seu 20.º aniversário. Eve, as duas irmãs mais velhas e a madrastra ergueram taças de champanhe em honra do patriarca da família.

— Obrigado a todos. — O seu tirano amado recuperara grande parte do peso que perdera no último verão e a sua fala tinha melhorado drasticamente, mas o AVC acelerara-lhe claramente o envelhecimento. — Não tinha a certeza de conseguir escapar desta.

A sua mulher, Lauren, que acabara de chegar aos 60, deu um pequeno gole no champanhe. Voltaria a fazê-lo algumas vezes, pou-sando em seguida o copo e não voltando a tocar-lhe o resto da noite, afirmando que o álcool despertava o diabo que havia dentro de si. Dada a sua personalidade, Eve esperaria, talvez, um insignificante diabinho: um que deixasse a última chávena de chá por lavar.

— Estás a melhorar a cada dia que passa, Daniel. — Lauren afagou-lhe as costas. — Mais alguns meses e voltarás a ser tu.

— Mais alguns meses, serei apenas eu *mais velho*. — Ele ergueu o copo e acenou com a cabeça na direção da mesa. — Obrigado por terem vindo, meninas. É bom estarmos juntos outra vez.

— Apoiado, apoiado. — Olivia, a mais velha, fitou o pai. Parecia mais magra e cansada, embora estivesse impecavelmente vestida e composta como era habitual. — Aposto que aguentas até ao teu 21.º aniversário. Depois, poderás beber legalmente.

— Mal posso esperar. — O pai sorriu, afetuoso. — Rosalind, queria perguntar-te... Como está aquele teu jovem?

— Está ótimo. — O rosto de Rosalind iluminou-se, usava o cabelo castanho curto e escadeado, que realçava os seus belos olhos. Deixara de pintar o cabelo com cores bizarras, embora as roupas que ela mesma confeccionava ainda refletissem o modo colorido como abordava a vida. — Está a trabalhar em esculturas de mim.

— Vestida? — O pai conseguira transformar a pergunta numa ameaça.

— Claro, papá. — Ela esboçou um sorriso angélico, pestane-jando rapidamente. — Eu nunca, *nunca* deixaria o Bryn ver-me despida.

A mesa irrompeu numa gargalhada. Rosalind sempre fora forte, mas o facto de ter encontrado a sua mãe biológica no último outono e de ter conhecido Bryn parecia ter transformado a sua força, de estoicismo numa autoconfiança irresistível. Pela primeira vez, aquela que sempre se descrevera a si mesma como um colibri era a mais estável e satisfeita das três.

— Não é *ele* ver que me preocupa.

— Ele faz o seu trabalho com muito gosto. — Rosalind pegou na mão do pai, sobre a mesa. — A escultura será, na pior das hipóteses, para maiores de 13 anos.

— Hum. — O pai pousou o copo e apontou enfaticamente. — Gostava de te ver casar com este. A tua mãe também o teria aprovado. Ela gostaria de ver cada uma de vocês feliz e bem na vida, com os vossos próprios filhos. Vocês trouxeram-lhe tanta alegria.

— Que querido. Obrigada, papá. — A expressão de Rosalind ficou tensa, espelhando o que Eve sentiu no seu próprio rosto e viu no de Olivia.

Não muito depois do AVC do pai, as irmãs Braddock tinham tropeçado em informações que lhes haviam revelado que a mãe, Jillian Croft, a epítome da sexualidade feminina no grande ecrã, nascera com síndrome de insensibilidade completa aos androgénios, o que significava que não tinha órgãos reprodutores. Apesar de três gravidezes muito públicas, e aparentemente falsas, bem documentadas no álbum de fotografias da família e em revistas de celebridades, ela não podia ter dado à luz nenhuma delas.

No último outono, Eve acompanhara a corajosa viagem de Rosalind para descobrir a sua mãe biológica, primeiro com interesse, depois com alívio pelo seu desfecho positivo, mas ainda assim não desejava procurar a sua. Olivia comprara um bilhete só de ida até ao planeta negação e recusara-se falar sobre o assunto, tanto na altura como mais tarde.

— Olivia... — Lauren olhou em torno da sala, num gesto tímido peculiar, como se não conseguisse manter contacto visual durante muito tempo. — Como está a correr o programa?

Eve ficou tensa. Olivia admitira recentemente perante as irmãs que, embora o seu programa televisivo de culinária tivesse atraído telespetadores curiosos em relação à descendência da sua estrela de cinema preferida, nos últimos tempos as audiências tinham vindo a cair como um *soufflé* falhado... ah, ah.

— Sabes, estou a pensar em voltar à representação. — Normalmente, Olivia não revelava qualquer vulnerabilidade à frente do pai e ainda menos de Lauren, a quem ainda não perdoara por se

atrever a aparecer no lugar da sua adorada mãe. — O meu agente candidatou-me para três papéis. *Cougar*¹, criada velha e *MILF*.

— O que é uma *MILF*? — perguntou Lauren.

O pai sorriu.

— Digo-te quando fores mais velha.

Olivia inclinou-se para a frente, dando a impressão de estar mesmo diante do rosto de Lauren, embora estivesse do outro lado da mesa.

— Significa *mãe com quem gostaria de...*

— ...*festear*. — Eve sorriu docemente à irmã, cujos dentes mor-
diam ainda o lábio inchado pelo colagénio, preparando-se para con-
ferir uma força imensa à palavra começada por F.

O rosto rosado de Lauren franziu-se com repugnância.

— Isso é horrível.

— Talvez. — Olivia despejou a taça de champanhe e pegou na
garrafa. — Mas aos 38 anos, é tudo o que consigo.

— Brevemente 39 — disse Lauren.

— Oh, *muito obrigada*. — Olivia encheu a taça, não cruzando o
seu olhar com o de Lauren. — Como se eu precisasse de que mo
lembrassem.

— E também devíamos fazer-te um brinde, Lauren, pelos teus
60 anos. — A pacificação era, normalmente, tarefa de Rosalind,
mas Eve decidiu ser ela mesma a encarregar-se disso desta vez.

— Os quais passou ao lado da minha cama, em vez de os pas-
sar num cruzeiro no Mediterrâneo como tínhamos planeado. —
Daniel não olhou para ninguém em particular. — Estou em dívida
para contigo, Lauren.

— Tudo o que me deves é trabalhar para recuperar as forças. —
Lauren olhou com adoração para o marido. — O Mediterrâneo não
vai a lado nenhum.

— Tu e a *mãe* não fizeram esse cruzeiro para...

— Então, Eve... — disse Rosalind, tendo o bom senso de inter-
romper a tentativa de Olivia de criar problemas. — Quero saber

¹ *Cougar* é uma expressão usada para referir uma mulher mais velha que gosta de
ter relacionamentos com rapazes jovens. [N. T.]

das últimas novidades sobre o teu grande trabalho de arquitetura no Wisconsin. Sempre vai para a frente?

Eve sentiu a adrenalina normal que a atingia sempre que o assunto era abordado. A hipótese de conceber uma casa — ainda que pequena — e trabalhar com um cliente em vez de trabalhar com outros alunos, e ver depois a sua visão construída em vez de simplesmente avaliada, era emocionante. E avassaladora. Desde que terminara a sua formação na Escola Superior de Design de Harvard e começara a trabalhar na Atkeson, Shifrin and Trim Architects, o seu trabalho em arquitetura limitara-se, de modo frustrante, a casas de banho de hotel e a poços de elevador.

Aceitou mais champanhe, sabendo que era muito provável que já tivesse bebido o suficiente, mas sem vontade alguma de ser sensata.

— Não sei. Já passaram semanas desde que me disseram alguma coisa. Aparentemente, a Shelley esteve doente e depois...

— Depois, começou a ter dificuldade em obter financiamento para o projeto. Os bancos andam tão exigentes por estes dias — disse Lauren. Shelley Grainger era uma amiga próxima, de Machias, no Maine, onde ambas tinham crescido. — Mas eu estava à espera de uma oportunidade para te dizer isto pessoalmente, Eve. A Shelley telefonou-me há uns dias. Fez um novo pedido e pensa que desta vez o crédito deverá ser aprovado. Irá contactar-me em breve com mais pormenores.

— A sério? — Eve arqueou as sobrancelhas, a emoção que sentia perante a oportunidade misturada com medo de que este fosse um empreendimento demasiado grande para as suas capacidades.

Shelley Grainger era proprietária de uma casa de família com seis quartos na Ilha de Washington, um pequeno ponto no mapa na ponta da península de Door Country que se lançava para o lago Michigan como uma farpa quase solta. Queria que Eve concebesse um chalé para onde pudesse escapar quando os filhos e respetivas famílias a visitassem e quando alugava a casa grande a turistas veraneantes como forma de complementar a sua reforma. Além disso, tinha uma amiga que queria acrescentar um solário à sua própria casa.

Lauren referira aqueles trabalhos a Eve, pela primeira vez, no outono anterior. O namorado de Eve, Mike, não pulara exatamente de alegria perante a ideia de ela partir durante as semanas necessárias à conclusão dos projetos, e o seu patrão sentir-se-ia, sem sombra de dúvida, do mesmo modo. Eve estava entusiasmada com a perspectiva de conseguir conceber algo substancial, mas não tinha a certeza de estar preparada. Depois, Shelley deparou-se com um constrangimento a seguir ao outro e Eve colocara a ideia na prateleira, com um alívio culpado.

Agora que as propostas estavam de volta, havia uma nova complicação. Na sexta-feira, tinham-na informado de que o seu supervisor direto estava de saída, um cargo que lhe fora prometido dois anos antes, aquando da sua contratação. Aceitar uma promoção e pedir em seguida um mês de licença para viajar para fora do estado não era uma grande jogada.

— É uma excelente oportunidade. — O pai cortou mais uma fatia de bolo, ignorando o olhar de reprovação de Lauren. — Em especial para uma principiante.

Rosalind eriçou-se.

— A Eve trabalha em empresas da área desde a escola secundária e tem um mestrado de Harvard. Eu não lhe chamaria principiante.

— O que construiu ela? Ela é uma principiante. — O pai fixou o seu olhar castanho intenso na filha do meio. Enquanto a mãe usava as palavras e o volume para disciplinar as filhas, tudo o que o pai precisava era daquele olhar e da sua eterna ameaça: «Senão...»

Podia estar mais velho e mais fraco, mas continuava a ser Daniel Braddock.

— Seria um desafio — admitiu Eve.

— Mas os desafios são bons. É isso que queres. — Olivia gesticulou para ela. — Tens estado presa naquela empresa a tratar de lavatórios e de sanitas desde que concluíste os estudos.

— Isso é verdade. — Eve brincou com o bolo, sentindo o coração a bater de modo estranho.

Não falara a ninguém sobre a promoção, tratava-se de uma superstição, mas estava no seu direito. De qualquer modo, Olivia

não compreendia os seus receios de se mostrar incapaz. A irmã mais velha nascera livre de ansiedade. Quando decidia fazer alguma coisa, *voilà*, na sua mente adquiria de imediato a capacidade. Eve não herdara esse tipo de confiança de quem quer que fosse que a tivesse dado à luz. Fizera progressos na superação da sua timidez, mas era um confronto constante e pérfido.

— Bem, nada bate o Norte do Wisconsin no início da primavera, pois não? — A voz do pai era grave, com um sotaque falso do Wisconsin e carregada de sarcasmo. — Ainda vão estar todos a pescar no gelo, ou seja lá o que for que fazem por lá. A comer queijo.

— E salsicha — anunciou Olivia. — E *pasties*.

— O que é um *pas-tie*? — Rosalind cortou para si uma terceira fatia de bolo quase transparente.

— Escreve-se *pasty*. Pronuncia-se *pasti*. É um salgado de carne e vegetais. São originários de Inglaterra, da Cornualha, foram inventados para que os mineiros pudessem comer com as mãos.

— Obrigada, Senhora Enciclopédia Alimentar — disse Eve.

— Não tens de quê. — Olivia olhava-a fixamente, com doçura. — Também queres saber alguma coisa sobre frango *booyah*?

— Decididamente, não quero.

— E sobre *boils* de peixe?

Eve fez uma careta.

— Isso é um prato ou uma doença dermatológica?

— Caramba, Olivia, estás a tornar isto difícil — disse Rosalind.

— Só estou a cumprir o meu papel, minha senhora. — Olivia ofereceu a garrafa. — Quem quer mais champanhe? Pai?

— Acho que ele já bebeu o suficiente.

— Não tenho uma língua que funcione? — Daniel olhou para a sua mulher. — Gostaria de tomar mais um pouco, Olivia.

Lauren abanou a cabeça, *desisto*.

— Vais adormecer à mesa.

— Não farei nada disso. É o meu aniversário e vou gozá-lo. — Estendeu o copo de modo desafiante. Olivia serviu-lhe uma dose generosa.

Dez minutos depois, estava a rressonar em cima do bolo meio comido e tiveram de o acordar para que fosse deitar-se. As raparigas

desejaram-lhe uma vez mais um feliz aniversário. Depois, Lauren encarregou-se dele enquanto as irmãs levantavam a mesa e arrumavam a cozinha, conversando e rindo. Mas mesmo depois de o último prato entrar na máquina de lavar a loiça, de a última taça estar lavada e seca, Eve não estava nada preparada para que a noite terminasse. Sendo o elemento mais introvertido da família, era, normalmente, a primeira a retirar-se.

— Isto foi divertido — disse Rosalind.

— Ainda nem sequer são nove horas. — Eve secou as mãos. — Querem ir beber qualquer coisa ao Marlintini's? Nem que seja só café?

— Com certeza. — Olivia retirou as luvas de borracha, que calçara para proteger a manicura. — Mas que se lixe o café. Ainda são seis horas em LA. Horas de começar.

— Rosalind? — Eve arqueou as sobrancelhas, esperançosa.

— Contem comigo. Para café. — Rosalind estendeu a mão. — E as chaves do automóvel.

Agasalharam-se e percorreram a curta distância — todas as distâncias em Blue Hill, no Maine, eram curtas — com Olivia a queixar-se do clima frio, quando o verdadeiro problema era o seu casaco não ser suficientemente quente para o inverno. Eve nem sequer gozou com ela, só lhe disse para aumentar o aquecimento no automóvel.

Viraram para o parque de estacionamento do restaurante, esculpido na floresta de bétulas e árvores de folha perene que cobria o estado. Emergindo no ar gelado, Olivia esfregou os braços, depois abriu-os para envolver o cenário.

— Olhem para isto! Árvores, árvores por todo o lado. Nunca me apercebo de quão farta estou de encostas castanhas, da seca e das palmeiras, até regressar aqui e estar tudo tão verde! Mesmo nesta altura do ano absolutamente horrenda.

— És mesmo uma rapariga da Califórnia. Devias visitar-nos com maior frequência.

Eve ficou surpreendida por estar a ser sincera. Ela e Olivia estavam a ser incrivelmente amigáveis durante esta visita. No Natal,

a reunião de família incluía os respetivos companheiros, com resultados bastantes desastrosos. O namorado de Rosalind, Bryn, tornara-se imediatamente o preferido do pai, mas o marido de Olivia, Derek, e o namorado de Eve, Mike, nunca haviam entrado para a Lista dos Bons, pelo que o pai não tinha uma única coisa agradável a dizer a qualquer um deles.

Assim sendo, era difícil tanto para Derek como para Mike retribuírem com qualquer coisa de amável.

Por isso, durante a época festiva, toda a gente se sentiu horriavelmente tensa e, a seguir, exausta.

Como tal, os homens tinham ficado em casa durante aquele fim de semana.

— Gostaria de poder visitar-vos mais frequentemente. Por vezes, arrependo-me de termos vendido a casa em Candlewood Point.

— Olivia rodopiou, satisfeita. — Adoro este estado!

— Que estado? — sorriu Eve da patética atípica da sua irmã. — O do Maine ou o do champanhe?

Olivia fez uma careta com as mãos nas ancas.

— Nada...

— Vamos fazer uma corrida até à porta! — Rosalind arrancou em direção ao restaurante.

Eve seguiu-a a correr, com as suas longas pernas a ultrapassar a irmã robusta ao chegarem à porta da frente do edifício castanho e baixo, iluminado à frente por uma fila de janelas brancas. Ofegantes, voltaram-se para trás para ver Olivia a rir-se loucamente junto ao automóvel, numa luta saltitante para descalçar um sapato de salto alto que parecia não querer sair.

Eve envolveu um braço em torno do pescoço de Rosalind.

— Olha para ela. Está louca.

Rosalind suspirou.

— Estou preocupada com ela. Está demasiado magra. Temo que esteja com problemas.

— Eu também. Mas sabes como ela é, tem de ir-se completamente abaixo antes de admitir que necessita de ajuda.

— Tal como a mãe. São praticamente idênticas.

— Se eu não tivesse a certeza de que a Jillian não poderia tê-la tido...

Observaram em silêncio enquanto Olivia conseguia, finalmente, descalçar o sapato e caminhava apressadamente em direção a ambas, só de meias.

— Humilhação total. Eu costumava ganhar *sempre*.

— Patrocinado pela *Manolo Blahnik*. — Eve afagou as costas magras da sua irmã trémula. — Fazes as tuas escolhas e tens de pagar o preço.

— Um preço e tanto, caso sejam *Manolos*. — Rosalind abriu a porta e conduziu-as ao interior.

Na zona apinhada do bar, as mulheres conseguiram uma mesa que acabara de ficar livre. Olivia pediu um copo de *Pinot Noir*, Rosalind um descafeinado e um copo de água. Eve hesitou, depois pediu uma imperial *Sam Adams*. Não necessitava de mais álcool no sistema, mas estava a sentir-se temerária, agitada. Talvez fosse a perspetiva de uma promoção. Talvez a necessidade de se decidir, finalmente, quanto aos trabalhos no Wisconsin. Talvez estivesse apenas a divertir-se com as suas irmãs. Ultimamente, na sua casa em Boston, o divertimento era raro e escasso.

— O pai parece estar bem. — Rosalind tirou o cachecol rosa e roxo, olhando à volta do bar. — Ainda melhor do que no Natal.

Eve assentiu com a cabeça. Ainda estava perturbada com as alterações nele, mas dado que quase morrera e que poderia ter ficado gravemente debilitado, também estava incrivelmente grata.

— Temos sorte por ele ter recuperado o que recuperou.

— O médico diz que irá recuperar ainda mais. — Olivia usava a sua voz de a-mais-velha-é-que-sabe, que levava Eve à loucura desde que tinha idade para o reconhecer. — As principais melhorias ocorrem durante o primeiro ano, mas pode continuar a melhorar durante anos. Ainda só passaram cinco meses.

— Seis — disse Eve. — Final de julho a final de fevereiro.

— Está bem, seis. A questão é que ele ainda está a melhorar muito.

A empregada trouxe as bebidas e deixou a conta.

— Essa *é* a questão, tens toda a razão. — Eve ergueu o copo, interrogando-se sobre quando fora a última vez que concordara com Olivia. — Ao pai.

As três brindaram juntas, depois deram um gole nas bebidas e pousaram-nas quase em simultâneo, a de Eve mesmo no meio da sua base, uma superstição tola que adotara enquanto criança, dizendo para si mesma que se pousasse o copo demasiado afastado do centro, a Terra se inclinaria.

— Olivia, vais mesmo tentar representar novamente? — Rosalind olhou com preocupação para a irmã mais velha. — Eras tão infeliz quando o fazias.

— Ah, não sei. — Olivia pousou o queixo nas mãos, com o cabelo comprido cor de avelã a abater-se sobre a testa. — Sinceramente, as coisas estão piores do que dei a entender. As audiências estão péssimas e nem eu nem mais ninguém faz a mínima ideia do que fazer de modo diferente. E digo-vos, mas só porque bebi tanto champanhe, que é um verdadeiro *inferno* ser a filha da mulher de maior sucesso da história do mundo do espetáculo e ser um fracasso.

— Tu *não* és um fracasso. — Rosalind agitou o dedo para a irmã. — Só *pensas* que és.

Olivia endireitou-se, arremessando para trás o seu cabelo em simultâneo, uma imagem de marca que Eve poderia experimentar mil vezes e ficar bem apenas uma vez. — Só estás a tentar animar-me.

— Não, não, ela tem razão. Tens de olhar para o que *conseguiste*, em vez daquilo em que falhaste. Nenhuma de nós virá a ser a Jillian Croft. — Eve forçou uma gargalhada, com o ressentimento habitual a voltar à superfície. — O que é uma coisa boa.

— Isso não foi bonito — ripostou Olivia.

— Ora, Olivia... — Eve sabia que não deveria discutir, mas parecia não se importar. — A nossa mãe tinha demónios que faziam os de outras pessoas parecerem princesas da Disney.

— Sim, está bem, isso é verdade. — Olivia somou à sua concordância inesperada um suspiro dramático. — Se eu conseguisse

ao menos *engravidar*, sentiria que tinha atingido, pelo menos, *um* objetivo na minha vida.

O aborrecimento de Eve transformou-se em solidariedade. Esperara boas notícias este mês, mas apesar de todos os exames que Olivia e Derek realizavam não mostrarem qualquer obstáculo a uma gravidez, esta não parecia acontecer.

— Vais engravidar.

Ela desejou poder soar mais segura.

— Talvez se deixasses de te preocupar tanto? — disse Rosalind.
— Muitas pessoas têm filhos mal deixam de tentar.

Olivia fungou.

— Pois, não creio que funcione quando dizes a ti mesma que estás a desistir para que possas ter mais hipóteses de engravidar.

— Tens razão. — Rosalind parecia infeliz. — Lamento muito que estejas a passar por isto.

— Não devia ter falado no assunto. Estamos aqui para prosseguir a celebração do aniversário do pai. — Olivia afastou o tema, com o olhar a vaguear em direção ao bar e, depois, de volta à mesa.
— Vamos falar de outra coisa. Política?

— *Não!* — opuseram-se Rosalind e Eve, em unísono.

— Muito bem, disso não. — Os seus olhos lançaram-se novamente para o bar. — E que tal...

— Como estão as Allertons, Rosalind? — Eve não conseguia resistir a provocar Olivia, não conseguia renunciar por completo às hostilidades. O conflito entre ambas estava demasiado entranhado.

A atenção de Olivia regressou à mesa.

— Quem?

— A minha outra família. — Rosalind lançou um olhar de reprovação a Eve. — A minha meia-irmã Caitlin e a minha mãe biológica, a Leila. Aquelas de quem não queres ouvir falar.

— Tens razão. Não quero. — Olivia puxou a cadeira para trás.
— Enquanto falas, vou à casa de banho. Depois, vou-me atirar àquele tipo adorável ali.

Rosalind engasgou-se, ao mesmo tempo que se virava para olhar.

— Tu *não* vais... Oh, é giro.

— Não me digas. — O ar betinho não fazia o género de Eve, mas deu mais uma espreitadela à socapa.

Olivia sorriu e despenteou o cabelo de Rosalind ao passar por ela.

— Deseja-me sorte.

— Não te atreverias.

— Tens razão. Embora o Derek não me mereça.

Meneou-se graciosamente até à casa de banho, brincando com elas, captando assim o olhar do tipo junto ao bar. Claro. Olivia abatia-os em bandos. Sempre o fizera. Eve atraía muito interesse quando Olivia não estava por perto, mas graças à mãe tivera aulas com especialistas sobre como manter pessoas indesejáveis à distância, um talento que muitas celebridades cultivavam. Só que Jillian abraçara os seus admiradores e usava essa técnica com a família, em particular com a filha mais nova.

— As Allertons estão bem, obrigada por perguntares. — Rosalind ajeitou o cabelo com os dedos após o ataque de Olivia. — A Caitlin vai para a Faculdade de Economia no outono. O seu ex-noivo ainda está a fazer a viagem de mota. Deixou de lhe enviar tantas mensagens. Faço figas para que ela consiga ultrapassá-lo. A Leila vai cantar com a Ópera de Princeton durante o verão e em Seattle no outono. Está feliz. Eu estou feliz. A vida é boa.

— Basta olhar para ti para perceber isso. — Eve estendeu a mão até ao outro lado da mesa para apertar o braço da irmã, aligeirando um clarão de inveja. — Estou empolgada por ti. Achas que paira um pedido de casamento no teu futuro?

Rosalind encolheu os ombros, mas o seu sorriso enorme e o brilho nos olhos denunciaram-na.

— Ainda é cedo.

— Aposto que sim.

— Talvez. — Rosalind enfiou o nariz no café numa tentativa completamente falhada de esconder a sua alegria. — O que se passa contigo? O meu instinto diz-me que ainda não estás feliz. No Natal, disseste que a depressão do Mike melhoraria depois de ele fazer terapia. Mas não estás eufórica com os trabalhos no Wisconsin. O Mike não continua a ser um parvo em relação a isso, pois não?

Eve hesitou, desejando não ter confidenciado a Rosalind no último outono que Mike estava convencido de que ela estava a ponderar o trabalho apenas para se afastar dele. Uma parte profunda e assustada dela temia que isso fosse verdade.

— Ele ainda leva isso a peito.

— *Estás* a tentar afastar-te dele?

A irritação veio ao de cima. *Talvez*.

— Não, claro que não.

Os olhos de Rosalind semicerraram-se.

— Então... qual é a tua resposta instintiva?

— Confusão. — Não queria falar sobre aquilo. Não queria falar sobre nada que fosse verdadeiro ou sério. Queria levantar-se e dançar. — Não há certo ou errado nesta questão. Existem apenas duas possibilidades, ir ou não ir.

— Talvez. — Rosalind deu um gole cuidadoso no seu café e fez uma careta. — Porque é que pedi descafeinado?

— Porque não querias ficar acordada a noite toda?

— Não vale a pena. — Rosalind pousou a caneca. — Sabes, o Bryn ajudou-me a perceber que eu estava a evitar ultrapassar o medo. Achas que tens medo?

— Medo de que esta não seja a melhor altura nem o melhor lugar para um trabalho por conta própria, sim. — Eve voltou a pousar a cerveja no centro da base. — E não achas que é um pouco estranho que a Shelley tenha dinheiro suficiente para construir uma casa inteira, mas que queira que seja um arquiteto completamente inexperiente a concebê-la?

— Ela viu o teu portfólio, certo?

— Sim. Mas, quer dizer... Nunca fiz nada assim sozinha.

— Acho que estás a ser paranoica. E a desvalorizar em demasia o teu talento.

Olivia juntou-se a elas à mesa, lançando o cabelo para trás dos ombros num gesto surpreendentemente parecido com o da mãe delas.

— Porquê paranoica?

— Por achar que é estranho que a Shelley Grainger e a amiga estejam dispostas a contratar alguém como eu.

— Não creio que estejas a ser paranoica de todo. — Olivia pegou no seu copo. — *Eu* não te contrataria.

Eve apontou para Rosalind, que tinha um ar exasperado.

— Vês?

— A sério. — Olivia fez rodar o vinho na boca e engoliu-o. Conferia um ar sexual a tudo o que fazia. — Não que pense que não consegues fazê-lo, porque sei que consegues. Mas se fosse ela, queria alguém com muito mais experiência, muito mais referências, muito mais de tudo o que não tens.

— Exatamente. — Eve deu um murro triunfante na mesa. — É estranho.

— Quantos arquitetos podem existir na ilha? Estás a ser paranoica. Fá-lo, Eve. Tenho estado a dizer-te isso desde que surgiu esta hipótese no último outono. — Rosalind afastou o café. — Precisas de uma mudança. O Mike tem de lidar com isso.

— Isso é *sem dúvida* verdade — disse Olivia.

Eve eriçou-se.

— Deixem o Mike em paz ou peço à Rosalind para fazer a imitação do Derek.

— Ninguém consegue imitar o meu marido melhor do que eu. — Olivia afastou bem o cabelo do seu rosto e deixou relaxar os seus belos traços até perderem o brilho. «Acabou-se a cerveja? Não posso ir buscar outra, estamos na última parte. Por favor? Só desta vez, querida? Por favooooooooor?»

Eve e Rosalind perderam-se num riso desesperado. Olivia acertara em cheio na voz profunda e lenta e na inflexão.

— Ele não é *assim* tão mau — disse Rosalind.

— Claro que não. Mas foi uma boa imitação, não foi?

— Foi perfeita. — Eve levantou a mão para um dá-cá-mais-cinco, apesar de detestar tal coisa. Era aquele tipo de noite.

— Oh, meu Deus. — Olivia exibiu um dos seus sorrisos de televisão, falando através dele sem mexer os lábios. — Ele está a vir para aqui.

— Como é que consegues fazer isso com a boca? — Eve olhava fixamente para ela, fascinada.

O sorriso permaneceu imperturbável.

— Anos de prática a ofender pessoas enquanto estou em frente às câmaras.

— *Quem* vem aí? — Rosalind virou-se para olhar.

— O tipo giro do bar.

Eve tinha o peito cheio de adrenalina e conseguia vê-lo claramente a dirigir-se para a mesa delas, olhando diretamente para si.

— Olá.

O tipo tinha o cabelo curto, escuro, provavelmente 20 e muitos anos. Ao chegar à mesa, virou-se para Olivia. Eve estava habituada a isso. A sua irmã não só era uma brasa, como tratava de enfatizar esse facto. Eve vestia-se de modo a minimizar o seu aspeto, usava maquilhagem subtil, mantinha o longo cabelo loiro preso num rabo de cavalo e não espetava os seios meio descobertos a cada oportunidade.

— Sou o Chez.

Claro que era. Sem dúvida que o *BMW* estava estacionado lá fora.

— Olá, Chez — ronronou Olivia.

Chez dirigiu um sorriso deslumbrante a Eve, que permaneceu calma, chocada com a dispersão de faíscas gerada pelo seu interesse.

— Ouve... — Voltou a virar-se para Olivia. — Isto parece ser a frase de engate mais velha de sempre, mas a tua cara não me é estranha...

— Ah... — Ela levou uma mão modesta ao peito não tão modesto. — Dado que sou internacionalmente famosa, não fico surpreendida.

Rosalind e Eve soltaram em simultâneo ruídos de divertimento, fazendo Chez olhar novamente de relance.

— A sério?

— Não. — O sorriso de televisão de Olivia tornou-se natural. — Estou a inventar. Sou a Olivia.

— Olivia! — O rosto dele iluminou-se. — Olivia Croft. Do *Croft's Cooks*.

A expressão de Olivia transformou-se, transmitindo um encanto espantoso.

— Deves ser de LA?

— Sim, sim, estou de visita a uns amigos. — Inclinou a cabeça em direção ao bar. — Na verdade, a família da minha namorada. Ela adora o teu programa.

— Oh, isso é muito simpático. — Olivia olhou à sua volta. — Ela está cá?

— Na verdade... não. Neste momento, as coisas não estão famosas entre nós. — Dirigi um ar envergonhado a Eve. — Será que posso oferecer-te uma bebida? Ah... quero dizer, às três.

— Claro que queres. — Havia um toque de ácido no tom de Rosalind. Ela era uma alma bonita, mas foram sempre Eve e Olivia a atrair as atenções masculinas. Os homens eram criaturas bastante superficiais.

Mas esta criatura superficial em particular estava a fazer algo um pouco selvagem desabrochar no peito de Eve, um impulso na direção da imprudência que ela pensava ter deixado para trás aos seus 20 e tal anos. Que mal fazia aceitar uma bebida?

— Sabes, Chez, é muito querido da tua parte, mas estamos a falar sobre coisas importantes. — Olivia deu-lhe umas palmadinhas no ombro, dispensando-o.

— Claro, desculpem, claro. Mas... bem, a minha namorada iria matar-me se eu não te pedisse para assinares alguma coisa. Assinas?

— Não há problema. — Olivia retirou uma caneta da mala sem ter de remexer para a encontrar. — Qual é o nome dela?

— Jessie.

— Para a Jessie... o teu... namorado... Chez... é demasiado... adorável... para não... lhe perdoares. — Assinou o guardanapo com um floreado. — Está bom? E para tua informação, a jovem bela e loura da qual não consegues tirar os olhos é a minha irmã, a Eve.

O rosto dele ficou vermelho como um tomate.

— Olá, Eve.

Ela não conseguiu deixar de sorrir. Ele *era* adorável.

— Olá, Chez.

Ele avançou na direção dela, desligando-se eficazmente das suas irmãs. O pânico cresceu. Ele era mais jovem do que parecia inicialmente. Mal chegara aos 20 e tal, enquanto ela iria chegar aos 30 em maio. Havia uma mancha de comida na t-shirt dos Green Day dele e era notório que o chefe que lhe preparara o jantar fora muito generoso com o alho.

Eve dedicava-se a uma fantasia ridícula. Ela não queria Chez. Ela queria... outra coisa.

— O que fazes, Eve? Também fazes televisão?

— Não, não, sou arquiteta.

— Olha, isso é muito bom. Há quanto tempo estás em...

— E esta é a minha outra irmã. — Olivia estendeu a mão e afastou-o de Eve. — A Rosalind.

— Olá, Rosa... — Os olhos de Chez abriram-se ainda mais; traçou um círculo com o braço. — Espera, vocês as três são *irmãs*?

As sobranceiras perfeitas de Olivia arquearam-se.

— Foi o que eu disse.

Eve gemeu silenciosamente, sabendo o que estava para vir. Fora por esse motivo que mudara de nome para Moore, o apelido dos avós. Rosalind permanecera Braddock, ao passo que Olivia assumira o nome de palco de Jillian, para obter a maior atenção possível.

— Mas que raio, vocês são as *filhas da Jillian Croft!*

— Chiu. — Eve levou um dedo aos lábios, ansiosa por calá-lo antes de atraírem mais atenções. — É segredo.

— Bolas, desculpa. — Tapou a boca com a mão. — Oh, meu Deus. Vocês são as filhas *dela*.

— Somos. — Olivia pousou a ponta dos dedos de unhas vermelhas no braço dele e empurrou-o suavemente. — *E* estamos a ter um momento privado simpático aqui, por isso, tens de ir agora.

Eve estava grata a Olivia por assumir o controlo da situação, mas não conseguia deixar de se perguntar se a irmã teria mandado Chez embora com igual velocidade se ele tivesse ido ter com *ela*.

— Certo. Vou-me embora. — Chez recuou, acenando com o guardanapo. — Obrigado por isto. Desculpem ter incomodado.

Quando ele se virou, Eve fez um gesto a Olivia.

— Bem, estás a ver. És famosa até em Blue Hill, no Maine.

— Já viram? — Olivia guardou a caneta sem olhar. Eve ouviu-a cair no chão e sentiu uma pequena explosão de satisfação em relação à qual se sentiu imediatamente envergonhada. — Mas ele estava completamente interessado em ti, Eve.

Eve sabia que não deveria concordar.

— Estava à pesca, a ver o que apanhava.

— Talvez eu não devesse tê-lo desencorajado. Poderiam ter tido um caso.

— Oh, mas que divertimento descomplicado *aquilo* poderia ter sido — soltou Eve, aborrecida por ter sequer ponderado a hipótese. Por alguma razão, naquela noite libertara-se da sua personalidade habitual. — De que estávamos a falar antes?

— De ti e do teu trabalho no Wisconsin — disse pacientemente Rosalind. — Eu ia dizer que não vamos dizer-te o que fazer, mas...

— Claro que vamos — disse Olivia.

— Mas se não o fizeres... — Rosalind inclinou-se para a frente com um ar sério, os olhos castanhos a dançarem. — Teremos de te chamar uma enorme mariquinhas incurável.

— Isso não! — Eve agarrou-se ao peito. A frase fora o derradeiro insulto de Rosalind enquanto criança, lançado na maioria das vezes contra a irmã mais nova, claro.

— *Cruel* — murmurou Olivia.

Eve ergueu a cerveja.

— Senão!

— Senão!

As três raparigas brindaram e continuaram a conversar enquanto os assuntos mudavam, mas os acontecimentos da noite e os seus pensamentos invulgares tinham-na abalado. Estar com a família fora uma alegria naquele fim de semana, embora habitualmente fosse complicado e extenuante. O interesse de um estranho atraente fora entusiasmante e revigorante, quando por norma era meramente aborrecido.

Pensou nas raras noites em que ela e Mike saíam, a frequência com que faziam agora as coisas em separado. Como o seu emprego

em Boston a prendera em vez de a fazer avançar. Como até a promoção não lhe gerara grande entusiasmo naquela noite. E agora os trabalhos no Wisconsin, que praticamente decidira recusar, estavam de volta à mesa, novamente tentadores e geradores de ansiedade.

Quando a rodada de bebidas seguinte estava praticamente no fim — Eve não tocou em metade da sua segunda cerveja —, Rosalind levou-as de volta ao Blue Hill Inn, onde se abraçaram, desejando boa noite, ainda a rir-se das recordações partilhadas e a lançar provocações, prometendo levantar-se e encontrar-se com o pai e Lauren para tomarem o pequeno-almoço cedo, antes de apanharem o avião de regresso a casa, Eve para Boston, Olivia para LA e Rosalind para Nova Iorque.

Deitada na sua cama estranha, Eve ficou acordada durante muito tempo, preocupada, melancólica, agitando-se, virando-se e voltando a virar-se.

Por volta das três da manhã, com a mente ainda em torvelinho, lembrou-se, num lampejo de autoconsciência, de que tinham existido outras duas vezes na sua vida em que começara a comportar-se de um modo fora do normal. A primeira, fácil de compreender, fora nos anos logo após a morte da mãe. A Eve adolescente começara a dar-se com jovens problemáticos, adotando a sua indumentária: cabelo preto, batom preto e verniz preto, roupas pretas, cabedal e metal. Três anos depois, quando era a única filha que permanecia em casa, o pai voltara a casar. Na calma presença de Lauren, Eve sentira que a sua roupa gótica representava para si não uma rebeldia descontraída, mas uma máscara desajustada que estava desesperada por tornar sua. Isso e a sua timidez partilhada significaram que Eve se tornara mais próxima da sua madrasta simples do que qualquer uma das irmãs mais velhas, que tinham passado mais tempo com a mãe extremamente complexa.

A segunda vez que Eve saiu da sua zona de conforto foi quando regressou a LA depois de terminar a licenciatura em Cornell, trabalhando na mesma empresa onde iniciara o seu estágio durante o ensino secundário, convivendo com os mesmos amigos, indo aos mesmos lugares. Deu consigo a beber e a divertir-se em demasia,

arrastando-se para o trabalho de manhã, sentindo-se miseravelmente mal e repetindo a dose na noite seguinte.

Quando o pai e Lauren a chamaram à atenção e a acusaram de desperdiçar a vida no mesmo dia em que o seu chefe lhe sugerira que prosseguisse os estudos, Eve apercebeu-se de que aquela foliona não se lhe adequava mais do que o estilo gótico e prometeu que a partir dali seria fiel ao seu verdadeiro eu.

Até àquela noite, estava convencida de que fora precisamente isso que fizera

Por volta das 3h15 estava pronta a admitir — dolorosa e relutantemente — que as irmãs tinham razão e que não poderia continuar a ignorar os sinais claros dos seus sentimentos daquela noite. Com ou sem promoção, indo ou não para a Ilha de Washington, de algum modo, a sua vida tinha de mudar.

Capítulo 2

11 de fevereiro de 1971 (quinta-feira)

Santa Mãezinha, há dois dias tivemos um terramoto. Assustador. Horrível. Fez-me querer voltar para o Maine. O Daniel disse que é a Terra a regular-se e agora que acabou não haverá outro grande enquanto estivermos a viver aqui, mas não sei. Caí de joelhos e rezei a Deus para me salvar, o que vim a descobrir posteriormente ser estúpido. Não a parte das preces, eu deveria ter saído de casa! Mas Ele não me deixou morrer, mesmo tendo sido estúpida, portanto, já é alguma coisa.

A nossa casa! Não há palavras, tão bela e tão elegante e tão cor-de-rosa! A Christina não acreditou em mim quando lhe disse onde a sua irmã mais velha vivia. Tenho de lhe enviar uma fotografia. Temos uma piscina e palmeiras na propriedade. Sinto-me como uma rainha aqui. O Daniel faz-me sentir como uma rainha. Ele diz que o faço sentir-se como um príncipe. E o clima! Digamos apenas que este não é o tipo de fevereiro a que estou habituada. O Daniel vai lecionar na UCLA. Estamos verdadeiramente bem instalados aqui! Agora, só temos de fazer amizades para nos sentirmos verdadeiros californianos.

Consegui mais uma pequena participação num filme do Mel Brooks. Quero mais, mais, mais! Papéis mais importantes

e ainda mais importantes! O Daniel diz-me para ser paciente, que estou a fazer as coisas certas. Eu não sou paciente! Nunca fui. Eu quero o que quero, quando o quero. Faz-me parecer uma miúda mimada, mas tem a sua origem num medo profundo de que as coisas não corram como quero que corram, por isso, quanto mais cedo acontecerem, melhor me sinto e mais calma fico.

Além disso, como posso eu ser uma miúda mimada com a maldição que me foi atribuída e com quão arduamente tive de trabalhar para que esta vida me acontecesse? Exceto conhecer o Daniel. Nisso tive apenas sorte, sorte, sorte!

Recebi, neste preciso momento, uma chamada do meu agente. Vou participar numa audição para um grande papel secundário num filme sobre a família secreta de um patrão do crime. O meu primeiro! Não suporto. Quero tanto isto.

Com amor,

Eu

P.S. — Dei tudo por tudo na audição. Eles adoraram-me, eu sei. Quando cheguei a casa, o meu agente telefonou-me novamente com mais uma audição. Estou tão entusiasmada que me sinto a flutuar pela casa. Danço, salto, rodopio, guincho de alegria. Penso que a vida está prestes a ficar extremamente atarefada.

Estou pronta!

Eve serviu-se de mais um copo de vinho de uma garrafa que encontrara na bancada da cozinha e que, provavelmente, estava aberta há demasiado tempo para saber bem. O seu voo de regresso do Maine aterrara com atraso devido a uma tempestade de neve breve mas intensa — poucas coisas eram mais aborrecidas do que um nevão tardio no inverno. Ter de arrastar a sua mala pelo caminho de acesso à casa cheio de neve ensopara-lhe os pés desprotegidos e refreara-lhe o ânimo. Normalmente, regressar a casa era um alívio, voltar à sua cama e às rotinas conhecidas, já para não falar no seu melhor amigo, *Marx*, que a esperava impacientemente à porta de casa, agitando a cauda felpuda. *Marx* nunca estava de mau humor. A vida de *Marx* era abençoadamente descomplicada.

Encostava-se, agora, ao seu lado, lembrando-a de que lhe devia um fim de semana de adoração retroativa.

— Também senti falta de ti.

Ela agachou-se para o abraçar adequadamente, permitindo alguns beijos de cão lambuzados, depois levou o vinho para a sala. A casa parecia estar vazia, mas em paz. Mike estava no seu jogo de basquetebol de domingo à noite; em breve chegaria a casa.

Abriu a porta para o novo solário e entrou sem acender a luz, querendo descomprimir da viagem, do fim de semana social e do aborrecimento de ter de utilizar o soprador de neve na neve molhada e pesada quando estava tão cansada. Rodeando-a por três lados, a mesma vista nevada que, em novembro, era encantadoramente gélida; em dezembro, alegremente festiva; em janeiro, está-bem-é-inverno; em fevereiro, que-chatice; em março era claustrofobicamente matem-me.

Entretanto, estivera a pensar em viajar mais para norte. Não se encontrava o Wisconsin sob um manto branco de outubro a maio? Precisava de confirmar.

Mesmo sem a objeção de Mike ou a sua possível promoção, era mais fácil não ir. Mais fácil ter pensamentos negativos, convencer-se de que não resultaria, de que ela poderia não ser capaz de lidar com o trabalho, que poderia não se entender com Shelley, que poderia prejudicar a sua relação com Mike de maneira irremediável.

E, no entanto, estava a ser inexoravelmente empurrada para aquele trabalho, por Lauren, por Shelley, pelo pai e pelas irmãs, pela ambição de toda uma vida e pelos seus desejos criativos, que haviam sido estimulados pela licenciatura e pelo mestrado, mas que acabaram por estagnar no seu cargo atual. E pela semente esquecida que Rosalind plantara no último verão quando se sentaram juntas na cozinha da casa de Candlewood Point, confirmada pela revelação insone da última noite no Blue Hill Inn. Ela necessitava de uma mudança.

Eve detestava a mudança. Fazia-a querer fechar as mãos, cerrar os dentes e fincar os pés como um bebé. *Tu... não... podes... obrigar-me.* Provavelmente, era essa a razão pela qual se agarrara àquele

emprego, na esperança de que a fizesse subir a escada em vez de ter de arriscar sozinha.

Ouviu a porta de casa a abrir-se e olhou de relance para o relógio. Mike deveria ter regressado logo a seguir ao jogo.

O seu coração acelerou, ao mesmo tempo que uma ténue mágoa lhe aquecia o peito. Isso não quantificava como se sentia em relação a tantas coisas ultimamente? Não era nada habitual nela. A mãe da sua mãe, a avó Betty, que ainda vivia na pequena cidade de Jackman, no Maine, chamava-lhe indecisa. Pieguinhas. Que mais?

Copinho de leite.

— Olá, Mike.

— Olá... — Ele encontrou-se com ela à entrada do solário, de braços abertos. — O que estás a fazer aqui no escuro?

— Estou aqui no escuro. — Ela foi em bicos dos pés beijá-lo, envolvendo em seguida o seu amplo tronco com os braços, aliviada por a sua hesitação inicial ter desaparecido. Mike tomara um duche e fizera a barba no ginásio, e cheirava a sabonete e a sensualidade. — É bom ver-te.

— A ti também. Obrigado por tratares da entrada. Desculpa teres sido tu a fazê-lo.

— Não há problema. Como correu o teu jogo?

— Muito bem. — Levantou a voz com orgulho. — Marquei 20 pontos.

— Vinte! Impressionante.

— Obrigado. — Ele soltou-a e deu um passo atrás para acender uma luz. — Tiveste um bom fim de semana, hã?

— Tive. Três dias inteirinhos sem qualquer cena.

— Igualmente impressionante. — Os seus caracóis ainda estavam húmidos, o rosto ruborizado por ter feito exercício, realçando os seus olhos azuis irlandeses. — A Rosalind ainda está radiante com o seu novo namorado e a sua nova família?

— Aparentemente. Mas parece gostar de nós, ainda assim.

— A Olivia continua uma diva chata como...

— Pois. — Eve franziu o sobrolho. — Mas... mais frágil do que alguma vez a vi.

— Frágil? Ela! A senhora sou-todo-o-universo-de-que-preciso-no-meu-universo?

— Ah, ah, ah. — Abanou o dedo. — É minha irmã.

— Meia-irmã.

Eve sentiu os lábios comprimirem-se, uma descarga elétrica na barriga. Não gostava de pensar nisso. Mas Mike era extremamente preciso.

— Suponho que seja verdade.

— O teu pai está bem?

— Está.

— E a Lauren?

A notícia sobre Shelley invadiu a mente de Eve. Ela baixou os olhos, fitando os pés.

— A Lauren é a Lauren e será, para sempre, a Lauren.

— O que aconteceu?

Os olhos dela desviaram-se novamente para o rosto dele.

— Como assim?

— É só que ficaste tensa, todo o teu corpo. Aconteceu alguma coisa com a Lauren?

Ela suspirou, sem disposição para os interrogatórios de Mike. A sua insegurança podia ser amorosa — afastava-o da arrogância —, mas também podia ser extenuante.

— Nada de mal.

— Está bem, mas... — Ele deu um passo em frente e agarrou-a pelos ombros. — Mais vale dizeres-me já.

— Lamento, Mike, não quero falar sobre isso agora.

O calor dele arrefeceu.

— Já falámos sobre isto. Não é justo fechares-te.

— Não é justo obrigares-me a falar sobre algo quando não estou preparada. — Ela queria chorar. Há quanto tempo estava ele em casa? Cinco minutos e já estavam a discutir.

Ele soltou-a, afastou-se até meio da divisão, com as mãos nas ancas, virando-se depois.

— Então, fico por aqui sentado à espera de que largues essa bomba, o que quer que ela seja?

— Porque é que tens tanta certeza de que é uma bomba?

— Não é?

— Não. Não é nada que se pareça com uma bomba.

— Então, porquê a espera? Porque não me dizes agora?

Não fazia a mínima ideia de como isto lhes acontecera. Onde estava a relação descontraída que haviam tido e mantido durante tanto tempo? Depois da intensidade tórrida das duas primeiras relações de Eve, tendo ambas terminado abruptamente quando os seus namorados mais velhos concluíram os estudos — Sam, o ensino secundário, Dale, o ensino universitário —, a vida com Mike era como arar um terreno com um trator em vez de uma parelha de bois.

Teria ele mudado? Teria ela? Porque parecia que já não confiava nela? Nunca ela lhe dera razões para não o fazer. Mas, ao longo dos últimos meses, sentia cada vez mais pressão da parte dele para deitar cá para fora os seus pensamentos mais íntimos — o que apenas a fazia esforçar-se mais para os esconder. O pior tipo de reação.

Três anos de relação, dois anos de namoro, um ano a viverem juntos, ela não conseguia deixar de sentir que deveriam ter construído alicerces suficientemente sólidos para que aquele tipo de conversa fosse desnecessário.

Não estou preparada para te contar.

Compreendo. Estou aqui para quando precisares de mim.

Eve desistiu, como desistira inúmeras vezes, recorrendo à teoria de que se ela fosse tão transparente quanto possível, ele deixaria de ter razões para se intrometer.

Não seria o primeiro sinal de insanidade tentar insistentemente a mesma coisa e esperar um resultado diferente?

— A Shelley Grainger, a amiga da Lauren do Wisconsin, ultrapassou a doença que a afligia e conseguiu fundos para avançar com o projeto. Ela ainda quer que eu vá ver o trabalho para ela. E o trabalho para a amiga.

Os lábios de Mike comprimiram-se em sinal de reprovação.

— Pensei que já tínhamos resolvido isto.

— Não. — Ela tentou falar calmamente, terminando a palavra num tom mais elevado para suavizar o impacto. — Tu disseste que

não querias que o fizesse e, depois, o projeto parecia ter desaparecido, por isso deixei de falar no assunto.

— Pensei que tivesses dito...

Ela levantou a mão para o deter.

— Mike, querido, não quero falar sobre isto num domingo à noite quando estou exausta e ainda me encontro num lugar feliz por ter estado com a minha família. Quero processar isto durante mais algum tempo, talvez pergunte amanhã, no emprego, quanto tempo podem dar-me de licença sem vencimento.

— Ias deixar o teu chefe tomar decisões sobre os problemas da nossa relação? Sem conversares primeiro comigo?

Era quase como se ele *quisesse* encontrar algo pérfido nas escolhas dela. Ela não conseguia explicar esta mudança.

— Se eu não conseguir a licença sem vencimento, então a minha decisão não é...

— A nossa decisão.

Ela respirou fundo, aborrecida por sentir as pernas a tremerem.

— Esta é minha, Mike. Trata-se da minha carreira. Se tu decidisses que querias mudar de escola, isso não dependeria de mim. Não sonharia sequer interferir.

— Não é o mesmo. Se eu mudasse de escola, ainda estaria aqui em casa todas as noites.

— Não precisas que cuide de ti. — Ela atravessou a sala e pousou uma mão no pescoço dele, na esperança de direcionar a conversa de volta a um lugar de afeto. — Qual é realmente o problema?

Ele manteve o olhar fixo no dela.

— Estás a deixar-me. Pouco a pouco. Este é o próximo passo.

Eve resistiu à vontade de intensificar o diálogo. Pousou-lhe a mão no peito amplo e ergueu para ele os olhos. Ele fora o único homem com quem namorara a ser suficientemente alto para o fazer.

— Haverá alguma maneira de te convencer de que isso não é verdade, de que é ir e voltar?

— Se fores, não voltas.

Eve deixou escapar um som de exasperação. Agora era ela quem iria fazer escalar a situação.

— Não podes dizer-me o que fazer ou sentir. Estás a ser pouco sensato. E melodramático.

— Na verdade, estou a ver isto muito claramente e a manter-me absolutamente calmo, que é bem diferente de como estou a sentir-me por dentro.

— Como é que *estás* a sentir-te por dentro?

— Como se te tivesses transformado em líquido ou em areia e estivesses a escapar-me por entre os dedos. Independentemente do quanto tento agarrar-te de um lado, escapas-me pelo outro.

Eve sentiu um ardor de culpa nas profundezas do seu ser. Seria assim? Estaria assim?

— Eu amo-te, Mike. Mas estás a desgastar-me com a tua insistência de que não te amo o suficiente ou do modo adequado ou o que quer que seja que penses que eu...

— Não é o que...

Ela levantou a mão para impedir a interrupção.

— Este problema surge por trás de cada discussão e temos demasiadas. Não sei como combater isso. Talvez esta separação nos ajude.

No preciso instante em que proferiu a palavra «separação», Mike recuou como se ela o tivesse agredido. Eve foi obrigada a combater uma onda de pânico. Por que razão dissera ela aquilo? Ela amava-o. A sua relação merecia que lutasse por ela. O mantra surgiu automaticamente, como se ela ainda estivesse a convencer-se a si mesma.

— Tu precisas de uma separação — disse ele calmamente, soando triunfante. — Aí está. Exatamente o que eu dizia.

— Não como estás a dizê-lo. Não como saiu.

Ela afastou-se do ceticismo dele, para manter os pensamentos claros. Estava a nevar outra vez, flocos grandes e espessos que pairavam preguiçosamente no caminho de acesso e no relvado. Raramente estava tudo tão calmo tão perto do mar. Apostava que no exterior estava um silêncio incrível, uma calma incrível.

— Tudo o que estou a dizer é que parece que, ultimamente, estamos a levar-nos mutuamente à loucura. Talvez seja apenas a altura

do ano que é terrível, neve e frio quando estamos prontos para a primavera. Não sei. Mas não queres que isso pare? Desligar o motor e deixá-lo arrefecer? Regressarmos frescos e renovados um para o outro e tentarmos...

— Não.

Ela virou as costas, gesticulando para o nada.

— Então, o que *queres* tu?

Mike contraiu os maxilares, com as pernas solidamente afastadas, os braços cruzados, o seu grande objeto inamovível.

— Quero que tu *queiras* ficar aqui.

Eve suspirou e levou a mão à testa.

— Lamento. Não consigo ter outra vez esta conversa. É o mesmo círculo em que continuamos a andar às voltas. Vou deitar-me.

Ele deixou-a sair sem tecer qualquer comentário. Ela olhou para trás uma vez e viu-o, uma estátua masculina carrancuda, de punhos congelados nas ancas. *Marx* cheirou-lhe as pernas algumas vezes, depois seguiu Eve pelas escadas.

Sem desfazer as malas, tomou um duche e lavou os dentes, deitou-se na cama pensando na fantasia que tivera no avião, na qual Mike ia buscá-la à porta como costumava fazer, levando-a a guinchar e a rir-se até ao sofá, onde faziam amor freneticamente, desesperados um pelo outro após a sua ausência.

Será que já não conseguiam fazer isso? Nem sequer uma vez, de tempos a tempos? Talvez ela devesse ter saltado para cima dele quando ele entrara em casa. Talvez fosse esse o seu erro. Talvez ele tivesse razão e o gelo entre eles viesse dela.

Eve virou-se de costas, olhando fixamente para um teto que não conseguia ver. Por muito profundamente que confiasse nos seus pensamentos e nos seus sentimentos, por maior que fosse o cuidado com que elaborasse os seus argumentos, o ponto de vista dele conseguia fazê-la sentir-se cada vez mais afastada dos seus instintos.

Teria a mudança começado no último verão quando o pai dela tivera o AVC e ela descobrira o problema de Jillian? Mike estava no ponto mais baixo da sua depressão nessa altura; não conseguia lembrar-se se o seu choque tornara as coisas piores ou se

repercussões emocionais de que não tinha consciência a haviam mudado desde então.

Também era possível que depois de iniciar a terapia, Mike tivesse ficado mais ansioso, mais carente ao enfrentar os problemas de confiança da sua própria educação. Os pais tinham transformado numa forma de arte a maneira como esperavam o pior do filho mais novo. Talvez ele estivesse a encobrir essa nova vulnerabilidade tornando-se mais controlador. Nesse caso, devia-lhe um apoio sólido, do tipo que Lauren oferecia ao pai depois do seu colapso físico. A madrasta mantivera-se firme pelo pai de Eve, absorvendo o pior do seu feitiço e frustração durante o longo e lento regresso do desamparo total. Eve tinha de fazer o mesmo por Mike enquanto ele enfrentava os seus demónios.

Gemeu e virou-se de barriga para baixo. Aquela era *precisamente* a razão pela qual não queria falar sobre aquilo naquela noite. Estava demasiado agitada para adormecer e necessitava de ter a cabeça limpa de manhã para garantir que seria a primeira na fila para assumir o cargo de Tim e para inquirir junto do chefe sobre a possibilidade de obter uma licença sem vencimento para a realização dos projetos no Wisconsin.

Das três irmãs, sempre se considerara a mais prática, a filha com os pés mais assentes na Terra. Aquela que sabia o que queria desde que tivera idade suficiente para imaginar uma carreira em arquitetura. Aquela que esperara dois anos para ter a certeza de que podia confiar em Mike antes de permitir que ele se mudasse para sua casa. A tendência de Rosalind para se lançar para os braços de qualquer homem que mostrasse interesse, mudando de estado quando se fartava, não era para ela. Também não era como Olivia, que ficara noiva três semanas depois de conhecer Derek e nunca deixara de perguntar-se se teria cometido um erro, mesmo agora, tantos anos depois, quando era claro que cometera um erro. Eve fizera tudo da maneira certa. De um modo sensato. Inteligente.

Mas quão sensata ou inteligente seria, se já não conseguia perceber se estaria a ser egoísta por considerar aquela oportunidade de emprego ou se Mike estava a ser egoísta ao querer impedi-la?

Após mais algumas reviravoltas irritantes, interrogando-se sobre se Mike iria dormir na cama deles ou se dormiria sozinho no solário, adormeceu por fim e mergulhou num dos seus sonhos enfurecidos.

Quando estava na casa dos 20, os sonhos eram sobre tentar transmitir um argumento muito emocional à mãe, enquanto Jillian se sentava calmamente a aplicar a maquilhagem, sem sequer fingir que estava a ouvi-la, independentemente de quão alto Eve gritasse ou implorasse.

Neste figurava Mike, a marcar cesto após cesto, alguns dos lançamentos a passarem por ela enquanto gritava e vociferava, não conseguindo sequer um olhar de relance. No que lhe dizia respeito, ela simplesmente não estava ali.

Quando o despertador tocou, Eve arrastou-se para fora da cama e foi para o chuveiro. Os cobertores amarrotados do lado de Mike mostravam que ele fora para a cama a determinada altura, o que significava que dormira ainda menos do que ela. Entretanto, saíra para correr, um hábito matinal seu.

Eve também era madrugadora, mas não *tão* madrugadora. Normalmente, também corria — uma distância mais curta do que a de Mike — e encontravam-se para tomar o pequeno-almoço antes de irem para o emprego. Contudo, naquele dia, numa exibição de espetacular cobardia, não foi correr e saiu mais cedo do que o habitual, para não estar em casa quando ele regressasse.

Mau, Eve, mau. Mas necessitava do contributo do chefe antes de se sentir à vontade para tomar uma decisão em relação a ir para o Wisconsin e antes de voltar a encontrar-se com Mike, que poderia insistir em saber se ela tomara alguma decisão enquanto dormia.

Foi de carro até à estação ferroviária e tomou a linha Newburyport/Rockport para a estação do Norte; depois, dado que o ar estava gelado, e a neve derretia lentamente, não fez a sua caminhada de 20 minutos, tomando antes a linha verde T até Park Street. Saindo em Boston Common, atravessou o parque até ao edifício onde funcionava a sede da Atkeson, Shifrin and Trim Architects e subiu as

escadas até ao terceiro andar, a energia nervosa mantendo-a longe do elevador.

No interior, cumprimentou a rececionista temporária que começara a trabalhar três semanas antes — Eve esquecera-se do seu nome e, por aquela altura, tinha demasiada vergonha para lhe pedir que o repetisse. A empresa adotara um conceito de espaço de trabalho aberto, o que se traduzia por uma grande área central preenchida por funcionários sentados a secretárias brancas em forma de L que davam a sensação de luminosidade e de abertura, mas que significava que a privacidade era quase inexistente, com exceção dos escritórios dos figurões em torno do perímetro da sala, que tinham portas, paredes e janelas.

Na sua secretária branca em forma de L, Eve sentou-se e virou-se para o seu computador, sentindo-se simultaneamente nervosa e teimosa. Abriu o projeto de casa de banho em que estava a trabalhar e ficou a olhar estupidamente para ele até o chefe, Frank Trim, abrir a porta do seu gabinete, indicando que terminara a chamada que estava a fazer quando ela chegara.

Vai.

Levantou-se, puxando a bainha da túnica cor de azeitona que assentava simetricamente sobre as calças pretas — devia ter uns dez pares — e caminhou até à porta de Frank antes que alguém ou alguma coisa pudesse distraí-la. Precisava de ter esta conversa para poder descontraí-la. Esperava ela.

— Bom dia. — Fingiu bater na ombreira da porta. — Tem um momento?

— Olá, sim. Claro. — Ele fez-lhe sinal para entrar. — Sente-se.

Frank era um daqueles homens de meia-idade cujo rosto se recusava a enrugar, cuja papada se recusava a ceder, cuja cintura se recusava a espessar, porque era do bom material genético de Long Island e não tinha nada que ver com aquela coisa de envelhecer! Quando Eve começara a trabalhar na empresa, tivera um fraquinho por ele durante dois minutos, o tempo que ele demorara a abrir a boca.

Ela sentou-se na cadeira em frente da sua secretária, que sempre desconfiara que fora escolhida por o assento ser invulgarmente

baixo. Mesmo com a sua altura — um metro e setenta e oito —, tinha de erguer o olhar para ele, o que a fazia sentir-se como uma aluna do quarto ano.

— O fim de semana foi bom?

— Assim-assim. — Ele inclinou-se na cadeira, pousando os cotovelos nos apoios para os braços, fazendo rodopiar uma caneta nos dedos. — E o seu?

— Muito bom. Estive no Maine com a minha família. O meu pai celebrou 80 anos.

— Sim? — Frank, claramente, não queria saber de nada daquilo. Não que Eve estivesse à espera de que ele se importasse, mas não queria saltar diretamente para o seu pedido sem avaliar previamente o seu estado de espírito. — Que possamos ter todos a mesma sorte.

— Sem dúvida. — O sorriso de Eve era tenso, contente por nunca ter dito a ninguém no escritório quem era verdadeiramente o seu pai. Poder referir os seus pais famosos sem embasbacar ninguém nem ser alvo de perguntas intrometidas era muito reconfortante. — Eu gostaria de falar consigo.

— Obviamente.

Ia ignorar aquilo.

— Surgiu uma oportunidade de trabalho no Wisconsin.

Ele arqueou repentinamente as sobrancelhas e ela apercebeu-se de como aquilo soava.

— Não, não, não é permanente. São dois projetos independentes para uma amiga da minha madrastra e uma amiga dela. Estou a ponderar ir até lá e experimentar.

— Quando?

— No início de abril.

— Não podemos dispensá-la.

— Tenho algum tempo de férias...

— Lamento. — Ele abanou a cabeça.

— Muito bem, mas... não estamos assim tão ocupados por estes dias. Creio que poderia levar algum trabalho comigo e...

— Contratei-a para trabalhar aqui. Somos uma equipa. Trabalhamos como equipa. Este emprego não funciona à distância.

— Certo. Muito bem. — Ela observou-o sagazmente. Ele estava a enrolá-la. Significaria isso que ela iria ser promovida, mas que ele ainda não podia dizer-lhe? — Então, o Tim vai-se embora.

— Pois. — Nem a mínima alteração na expressão, mas a caneta começou a rodopiar mais depressa.

— Quando fui contratada, disseram-me que subiria rapidamente. — Estava prestes a afirmar o óbvio, *e isso não aconteceu*, mas decidi não o fazer. — Com o cargo dele a ficar vago, esperava poder ocupar o primeiro lugar na fila.

— Pois. — Frank endireitou-se na sua cadeira. — Calculei que quisesse concorrer.

Ela esperou. Ele observou-a. Que idiota, fazê-la sofrer daquele modo. Mas a esperança de Eve estava a aumentar.

— E...?

— A vaga será ocupada pelo Robert.

— Pelo Robert? — Eve arregalou os olhos. Não conseguia acreditar no que ouvia. — Ele foi contratado o *mês* passado.

— Sim, foi.

— Eu fui sequer considerada?

— Não para este cargo.

— Porque não?

— Ele é mais qualificado.

Eve ficou repentina e cegamente furiosa. Robert era um lambe-botas nojento, mal tinha talento suficiente para ocupar um cargo, mas não ameaçava Frank, que na opinião de Eve era o elo mais fraco na sociedade da empresa. Ela ajudara a *formá-lo*, pelo amor de Deus.

— O meu trabalho é tão bom, senão mesmo melhor, e estou aqui há muito mais tempo. Qual é a verdadeira razão?

— Ele também é muito bom com os clientes.

— E eu não sou?

— Estou a guardá-la para algo maior.

— E para o quê? E para quando é? — Ela levantou-se, com o corpo trémulo. Uma voz interior ainda sã disse-lhe para se sentar e se calar. Ou para sair até se acalmar.

Não fez nenhuma das duas coisas.

— Quando fui contratada, o senhor disse-me que eu era demasiado boa para esta função. O senhor disse que eu estaria ao nível do Tim no espaço de um ano, talvez antes. Isso não aconteceu. Fui contratada para...

— A Eve foi *contratada* porque tínhamos de contratar uma mulher.

Eve ficou boquiaberta, o ultraje momentaneamente sugado para fora de si pelo choque, apesar de não demorar muito tempo a regressar.

— Diga-me que não acabou de me dizer isso. *Teve* de contratar uma mulher? Que tipo de treta de homem das cavernas é essa?

Ele dirigiu-lhe um sorriso condescendente, mexendo nervosamente o lápis.

— É complicado.

— Não, na verdade, é muito simples. Talvez eu possa explicar.

— Não quero ouvir isto. — Ele pousou o lápis e uniu as mãos, estando ela demasiado furiosa para reparar que estavam tão quietas e calmas como o seu rosto estranhamente jovem.

— Muito bem. Necessitavam de uma mulher para este escritório? Terão de contratar outra. — Eve debruçou-se sobre a secretária dele, espetando o dedo no seu tapete de trabalho. — Porque me demito.

Endireitou-se, completamente chocada. Mas que raio acabara ela de fazer?

— Não. Não faça isso. — Frank teve a decência de ficar com um ar nervoso. — Não está a falar a sério.

Claro que não estava a falar a sério. Aquele era o seu emprego. O seu ganha-pão.

Um emprego de que ela não necessitava para ter dinheiro.

Um emprego de que ela não necessitava para a sua carreira.

Tratava-se apenas de um emprego. E ela estava, de repente, absolutamente farta dele.

De repente, passou a sentir-se também absolutamente calma e deliciosamente certa.

— Enviarei a minha carta de demissão para os Recursos Humanos. Não foi assim tão bom trabalhar consigo. — Sorrindo de modo agradável, virou costas e dirigiu-se à sua secretária.

— Ei... Eve... — Frank chamou-a do seu gabinete. — Pode voltar aqui, por favor.

— Não. — Desligou o computador, abriu uma gaveta e arrancou de lá a sua mala. — Já não trabalho aqui.

Os colegas de trabalho afastaram o rosto chocado dos ecrãs, virando-o para ela. Eve era a colega calma, que nunca levantava a voz. A última pessoa que esperavam que fizesse uma cena. O que estava ela a fazer? O que teria acontecido?

— *Eve...* — A voz dele tornara-se cortante, uma figura de autoridade que precisava de manter a aparência de controlo diante dos subordinados.

Eve pegou na fotografia do pai, de Lauren e das irmãs tirada vários anos antes no Dia de Ação de Graças, o seu único artigo pessoal naquele lugar. Como se nunca tivesse querido verdadeiramente sentir-se confortável ali.

Era como se precisasse de esbarrar contra as paredes de tijolo antes de conseguir vê-las.

Avançou em direção a Frank, vendo o seu rosto a descontraírem-se e o início de um sorriso de vitória bajulador. No último segundo, a um passo do seu fato azul brilhante e demasiado justo, guinou e avançou a direito para a saída.

E SE TUDO O QUE JULGÁVAMOS SABER MUDASSE DE REPENTE?

Eve ainda não conseguiu ultrapassar a descoberta de que a sua mãe, a atriz Jillian Croft, nunca poderia ter dado à luz. Ao contrário da irmã, Rosalind, que não descansou até encontrar a mãe biológica, Eve recusa-se a procurar respostas para o que se passou. Não quer sequer ler os diários de Jillian, que revelam uma faceta desconhecida da instável estrela de cinema.

Agora, presa a um trabalho pouco desafiante e a viver uma relação à beira do colapso, Eve decide aceitar uma proposta para ir para a Ilha de Washington, no Wisconsin, onde terá oportunidade de testar as suas capacidades como arquiteta. Mas o que seria apenas uma pequena mudança transforma-se em algo muito mais profundo.

No lugar onde planeava simplesmente afastar-se dos seus problemas, Eve acaba por encontrar segredos inesperados e reveladores. E à medida que se vai aproximando dos habitantes da ilha e dos seus dramas, Eve apercebe-se de que, se quiser mudar verdadeiramente a sua vida, terá de se confrontar com as memórias de um passado traumático.

SAIBA COMO
TUDO COMEÇOU:



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Literatura Traduzida

 penguinlivros.pt
  penguinlivros

ISBN 9789895649075



9 789895 649075 >